

# A percepção da doença de Alzheimer pelos estudantes da F.F.C. “Júlio de Mesquita Filho” da Unesp – Marília

Gilsenir Maria Prevelato de Almeida Dátilo\*, Dayse Cristina Pacheco\*\*

## Resumo

A doença de Alzheimer (DA) é responsável por, aproximadamente 56% do número total de casos de demências. A presente pesquisa teve como objetivo relatar a percepção da DA pelos alunos dos cursos de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Filosofia e Ciências “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp – campus de Marília, no que diz respeito aos sintomas, diagnóstico e tratamento, nos anos de 2011 e 2012. O questionário com perguntas abertas e fechadas foi aplicado para 101 alunos, utilizando, como critério de exclusão, aqueles que não aceitaram responder à pesquisa e/ou não assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Após a aplicação do questionário, as respostas receberam análise quantitativa, verificando quais informações e concepções em relação à doença de Alzheimer esses universitários adquiriram durante os anos de graduação. Os dados obtidos demonstram que, embora os alunos possuam conhecimentos a respeito dos sinais e dos sintomas da doença, poucos mencionam

a importância da família, do cuidador e a relação da doença com a dependência que comumente atinge essa população.

*Palavras-chave:* Doença de Alzheimer. Idoso. Envelhecimento. Estudantes de ciências da saúde.

## Introdução

Há cerca de quatro décadas, tem-se observado um grande aumento da população idosa, particularmente nos países em desenvolvimento. (GUERRA; CALDAS, 2010). Para Fonseca et al. (2008), o envelhecimento populacional impõe melhor organização do sistema de saúde, pois o indivíduo idoso exige cuidados que ainda são desafios aos profissionais da área da saúde devido aos problemas específicos dessa faixa etária. Tendo em vista o processo de envelhecimento populacional, faz-se urgente, no âmbito da saúde pú-

\* Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista, Unesp. Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia da Educação da Universidade Estadual Paulista, Unesp. E-mail: gdatilo@marilia.unesp.br

\*\* Graduanda em Terapia Ocupacional pela Unesp. Trabalho de Conclusão de Curso de Terapia Ocupacional na Universidade Estadual Paulista, Unesp. Mestranda em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação na Unicamp. E-mail: daysecris1990@hotmail.com.

blica, capacitar profissionais para lidar de modo adequado e eficiente com essa população. (FONSECA et al., 2008).

Apesar da existência de Centros de Referência em Assistência à Saúde do Idoso (CraSi) e de programas de intervenção localizados em algumas capitais do país, muitos idosos ainda sofrem a falta do apoio de profissionais especializados (FALCÃO; BUCHER-MALUSCHKE, 2009).

Segundo Araújo e Barbosa (2010), 650 mil novos idosos são incorporados à população brasileira por ano e, desses, a maior parte apresenta doenças crônicas e alguns apresentam limitações funcionais. Entre as doenças crônico-degenerativas mais frequentes está a doença de Alzheimer, a demência mais prevalente em idosos, responsável por cerca de 56% do número total de casos de demências e que afeta, em média, 5% dos indivíduos com mais de 65 anos e 20% daqueles com mais de 80 anos (INOUE; PEDRAZZANI; PAVARINI, 2010). Após os sessenta anos, a probabilidade de desenvolver a doença de Alzheimer duplica a cada cinco anos. Não somente a idade constitui um fator de risco para essa doença, como também a história familiar, o fator genético e a herança de algumas formas alélicas de genotipagem, ou seja, codificação de gene para apolipoproteína. Outros possíveis fatores de risco têm sido estudados, porém, são discutíveis, como, por exemplo, pertencer ao sexo feminino, apresentar doença na tireoide, exposição a toxinas, baixa formação educacional, traumatismo craniano e depressão de início tardio (OLIVEIRA; AMARAL; BARBOZA et al., 2013).

A doença de Alzheimer, segundo Valim et. al. (2010), compromete a integridade física, mental e social do idoso, levando-o à dependência de cuidados quase sempre ligados à família e realizados no próprio lar.

Falcão e Bucher-Maluschke (2009) apontam que a sobrevivência de idosos com demência depende de um ou mais sujeitos que supram as suas limitações para a realização das atividades de vida diária (AVDs).

No contexto brasileiro atual, existem poucos serviços públicos domiciliares especializados para apoiar as necessidades rotineiras dos idosos, que acabam recebendo, quase única e exclusivamente, o suporte que seus familiares lhes oferecem (INOUE et al., 2010). Assim, faz-se necessária uma visão biopsicossocial por parte dos profissionais no atendimento ao idoso portador da doença de Alzheimer, lembrando que serão esses que manterão contato direto com os cuidadores dos idosos, cuidadores que necessitam de muitas informações e apoio para realizarem os procedimentos necessários.

Para melhorar a qualidade de vida do idoso com DA e a de seus cuidadores, é preciso que os profissionais da equipe estejam preparados para utilizar os mais diversos recursos. Neste estudo, mencionamos, como exemplo, os trabalhos realizados por Arcoverde et al. (2008) e Sachs et al. (2009).

Em um estudo comparativo com 37 idosos, 19 são controles normais, 11 com doença de Alzheimer sedentários e sete com doença de Alzheimer ativos, praticantes de atividade física regular. Arcoverde et al. (2008) observaram que

os ativos eram 32% menos propensos a desenvolver algum tipo de demência que os idosos sedentários do grupo controle.

Durante uma experiência de trabalho corporal e arteterapia, realizada com um grupo de cuidadores, Sachs et al. (2009) verificaram que os participantes conseguiam expressar suas angústias, medos, ansiedades e, assim, elaborar conflitos emocionais relacionados ao cuidar, relatando sentirem-se mais fortalecidos e acolhidos, e menos sobrecarregados, conseguindo criar novas formas de adaptação à tarefa. A arteterapia oferece a possibilidade de desviar o olhar da doença, focando no indivíduo portador da doença de Alzheimer. A memória implícita (processual e emocional), que é relativamente bem preservada, pode desencadear o processo artístico e seu enquadramento como terapia de arte, tornando-se instrumento eficaz para promover o desenvolvimento de habilidades em sujeitos com a doença de Alzheimer em estágios de leve a moderado. (ROMAGNOLI GIL, 2013).

Com esta pesquisa espera-se constatar os conhecimentos dos alunos acerca da doença de Alzheimer para que possam mobilizar recursos para o tratamento, efetivando e humanizando a relação com os portadores da doença de Alzheimer, assim como com seus familiares e cuidadores. Desse modo, poderão propiciar melhores resultados em suas futuras intervenções terapêuticas.

Este estudo a respeito da percepção da doença de Alzheimer e a forma com que os universitários concebem a doença, crenças, valores, informações e significados a ela atribuídos, surgiu por haver

baixo número de artigos em relação a esse tema específico e pela necessidade de os profissionais da saúde obterem mais conhecimentos referente a essa doença grave e incurável.

As percepções carregam formas individuais de pensamento, que modelam comportamentos individuais e coletivos e, nas questões que dizem respeito à doença de Alzheimer, acredita-se que com um número maior de pesquisas e de informações, essas possam influenciar de modo positivo na vida diária e nas ações das pessoas que irão trabalhar com portadores de tal patologia e com seus familiares.

Há dois artigos específicos e, relativamente atuais, relacionados às percepções ou concepções de estudantes no que diz respeito à doença de Alzheimer, são eles: “Conhecimento de estudantes de enfermagem com formação técnico-profissionalizante sobre a doença de Alzheimer”, de Oliveira e Barbosa et al. (2013) e “Categorização social e concepção de doença de Alzheimer: implicações e perspectivas dos modelos biomédico e social”, de Dias e Morato (2011).

No primeiro artigo, Barbosa et al. (2013) tinham como objetivo avaliar o conhecimento de graduandos de Enfermagem, com formação técnico-profissionalizante nessa área, direcionado a doença de Alzheimer. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa, realizado em uma universidade privada do estado de São Paulo. A população era de 45 graduandos. A coleta de dados foi realizada através de questionários, posteriormente analisados por meio da estatística des-

critiva. Como resultado, a análise das respostas referente ao conceito da doença de Alzheimer constatou que um discente (2,2%) não conseguiu definir a doença; 18 discentes (40,0%) afirmaram conhecer a doença, mas a definiram de forma incorreta; dois discentes (4,4%) declararam conhecer a doença, definindo-a de forma correta, e 18 discentes (40,0%) disseram conhecer a doença, mas a definiram de forma incompleta. Como conclusão, os pesquisadores consideraram insatisfatório o desempenho, visto que somente dois alunos (4,4%) definiram de forma correta a doença e cinco (11,1%) especificaram a assistência necessária ao portador de tal patologia.

Ancoradas numa perspectiva sociocultural da cognição humana, Dias e Morato (2011), no artigo já referido anteriormente, "Categoriação social e concepção de doença de Alzheimer: implicações e perspectivas dos modelos biomédico e social", investigaram como emergem as categoriações sociais atribuídas ao portador da doença de Alzheimer, com o objetivo de conhecer quais as concepções relacionadas a doença de Alzheimer são veiculadas em diferentes contextos sociais, tais como as reuniões mensais promovidas pela Associação Brasileira de Alzheimer (Abraz), as discussões de casos clínicos no ambiente hospitalar (Hospital de Clínicas da Unicamp) e as entrevistas com familiares. Uma vez diagnosticada, esses indivíduos experimentam mudanças significativas na esfera de sua vida pública e privada, e também, na qualidade de suas interações. A ideia de "contágio" apareceu em um terço

das entrevistas dos acompanhantes e não dependeu de grau de escolaridade, mas sim, pelo fato de cuidarem excessivamente desses pacientes, acabam apresentando algumas dificuldades, como por exemplo, o esquecimento.

Fonseca et al. (2008) sugerem, que um número maior de estudos acerca das concepções de profissionais da saúde pública a respeito do envelhecimento e de suas práticas sejam conduzidos, contribuindo para a implementação de políticas públicas, principalmente quanto à melhor capacitação profissional.

De acordo com os dados encontrados em relação à concepção da doença de Alzheimer, foi identificada a necessidade de um estudo que descreva a percepção dessa doença pelos alunos ingressantes na universidade e como é construída a visão do profissional durante seus anos de formação. O objetivo desta pesquisa, é descrever a percepção da doença de Alzheimer pelos alunos dos cursos de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional de uma universidade pública na cidade de Marília, abordando seus sintomas, diagnóstico e tratamento.

## Metodologia

O presente estudo foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da referida universidade sob o parecer n. 0292/2011, obedecendo à resolução 196/96, que dispõe sobre a pesquisa com seres humanos. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa, realizado em universidade pública do estado de São Paulo.

Os participantes da pesquisa foram selecionados por amostra aleatória sistemática, dos quais, dez sujeitos de cada ano e curso, totalizando 120 alunos. No caso de um aluno sorteado não ser encontrado no dia da coleta, o aluno subsequente na lista cedida pela sessão de graduação seria convidado a ocupar seu lugar. Devido à dificuldade em encontrar muitos dos participantes, especialmente os alunos dos quartos anos devido ao estágio e a não aceitação de alguns em participar da pesquisa, o número final foi 101 sujeitos participantes.

Utilizou-se, como critério para participação nessa pesquisa o fato de os alunos serem matriculados nos cursos de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Esses deveriam também assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os questionários foram aplicados no segundo semestre do ano de 2011, na própria universidade, exceto aos alunos do último ano de graduação, os quais estavam no Centro de Estudos da Educação da Saúde (CEES), local em que são realizados os estágios.

Como material para a coleta de dados, além do TCLE, aplicou-se um questionário constituído por 14 perguntas, abertas e fechadas, referentes ao conceito da doença de Alzheimer, sintomas, tratamento e familiares, entre outros. Para atingir os objetivos desta pesquisa, utilizaram-se as seis questões iniciais.

A análise foi quantitativa, com foco na distribuição de frequência das respostas.

## Resultados e discussão

Foram totalizados 101 participantes, dos quais quarenta alunos do curso de Terapia Ocupacional, 32 do curso de Fisioterapia e 29 estudantes de Fonoaudiologia, com idade média de 20,6 anos (o mais novo tinha 18 anos e o mais velho 29 anos). Eram 91 mulheres (90%) e dez homens (10%).

Após a aplicação do questionário, as respostas receberam análise quantitativa, verificando quais informações e concepções referente à doença de Alzheimer esses universitários adquiriram durante os anos de graduação.

A pergunta inicial buscou elencar as primeiras características ligadas à doença de Alzheimer, relacionadas espontaneamente pelos alunos. De forma geral, apresentou-se como característica mais conhecida em relação a DA, o prejuízo à memória, citada por 75 alunos (74,2%), seguida por doença neurodegenerativa, apontada por 65 discentes (60%).

A desestrutura familiar foi mencionada por três alunos (2,9%), dois representantes do curso de Terapia Ocupacional e um do curso de Fisioterapia. No curso de Terapia Ocupacional, ainda foram elencadas a dependência (2,9%) e as dificuldades em realizar as AVDs (3,9%).

A família é parte fundamental no tratamento da doença. Larramendi e Canga-Armayor (2011) apontam que é importante conhecer as necessidades do cuidador familiar, visto que a doença de Alzheimer envolve toda a família, pois a angústia permanente de presenciar a deterioração lenta de um ser querido afeta

a todos. Cuidar de idosos dependentes, especialmente daqueles que apresentam demência, não é tarefa fácil. Geralmente, os membros mais próximos da família assumem esse cuidado e acabam, de certa forma, sobrecarregados em relação

aos demais (GARCES et al., 2012). Cabe ao profissional que acompanha o idoso, estar atento também a essa sobrecarga que gera mal-estar, problemas físicos e emocionais no cuidador familiar.

Tabela 1 – Distribuição bivariada do conhecimento de indivíduos com doença de Alzheimer, segundo a matrícula dos respondentes nas séries iniciais (1º e 2º anos) e finais (3º e 4º anos) dos cursos da área de saúde de uma universidade em Marília, São Paulo, 2011

Ano	Frequência	(PO) Conhece alguém com DA		Total
		Não	Sim	
1º/2º anos	n	31	26	57
	% dentro ano	54,4%	45,6%	100%
	% dentro DA	68,9%	46,4%	56,4%
3º/4º anos	n	14	30	44
	% dentro ano	31,8%	68,2%	100%
	% dentro DA	31,1%	53,6%	43,6%
Total	n	45	56	101
	% dentro ano	44,6%	55,4%	100,0%
	% dentro DA	100%	100,0%	100,0%

Teste do qui-quadrado:  $\chi^2=5,12$ ;  $g1=1$ ;  $p=0,024$

Fonte: elaborada pelas autoras.

Conforme a Tabela 1, existem 44,6% de alunos dos cursos da saúde que não conhecem indivíduos com a doença de Alzheimer, enquanto 55,4% declaram conhecer. O resultado do teste do qui-quadrado no estudo da associação entre ano do curso e conhecimento de indivíduos com DA foi significativo ( $p=0,024$ ), permitindo afirmar que, entre os alunos das séries finais (3º e 4º anos), 53,6% têm maior conhecimento de indivíduos que apresentam a DA do que o esperado na amostra (43,6%). Entre os alunos das séries iniciais (1º e 2º anos), 46,4% apresentaram conhecimento de indivíduos com DA em menor proporção do que o esperado na amostra (56,4%). Quanto ao desconhecimento de indivíduos acometi-

dos pela doença de Alzheimer, a grande maioria dos alunos, 68,9% está cursando as séries iniciais (1º e 2º anos); e dos alunos das séries finais (3º e 4º anos), 31,1% declararam desconhecê-los.

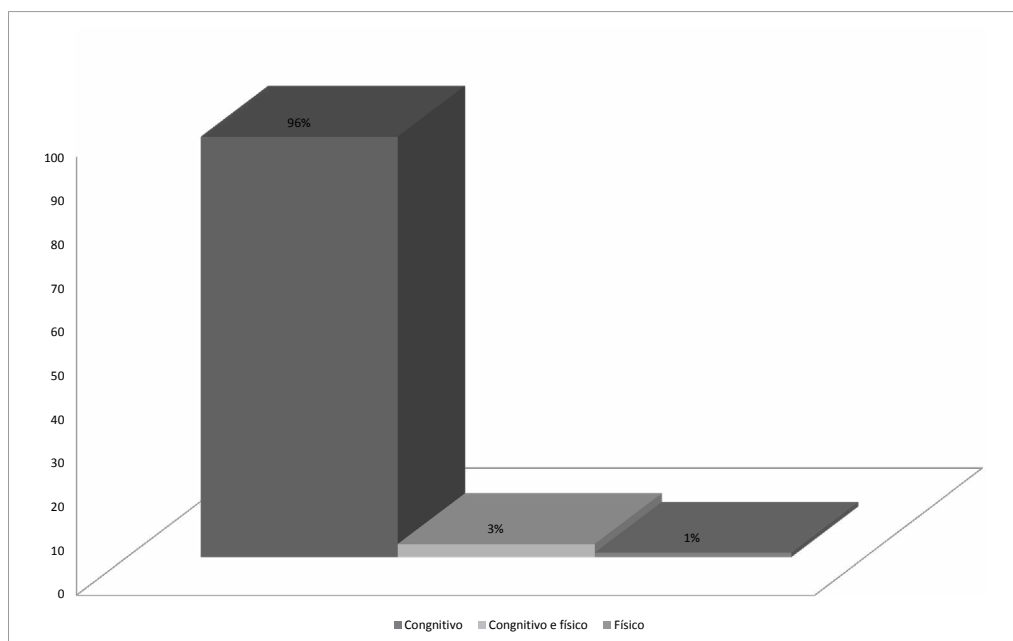
Esse resultado, possivelmente, deve-se ao maior conhecimento da doença pelos alunos dos últimos anos, associado ao maior contato com a população devido aos estágios, pois os alunos dos primeiros anos têm contato apenas com a teoria, o que os leva a ter pouca aproximação com esses idosos, dificultando a sua percepção da doença.

A incidência da doença de Alzheimer, no mundo, gira em torno de um a 1,5% das pessoas entre sessenta e 65 anos, e em 45% após os 95 anos (FALCÃO;

BUCHER-MALUSCHKE, 2009). Garces et al. (2012) apontam a prevalência da doença em 10% da população com mais de 65 anos, visto que aos 85 anos ou mais essa taxa sobe para 47,2%. Tais dados vêm ao encontro dos resultados

obtidos nesta pesquisa, em que 82,2% dos estudantes apontam o início da doença de Alzheimer após os sessenta anos; 14,9%, antes dos sessenta anos; e 3% não responderam à questão.

Gráfico 1 – Sinais iniciais da doença de Alzheimer relatados segundo alunos de uma universidade em Marília, São Paulo, 2011



Fonte: elaborado pelas autoras.

Questionados a respeito dos sinais e dos sintomas da doença, a grande maioria (96%) relacionou-os às perdas cognitivas (memória, atenção, raciocínio e percepção) como mostra o Gráfico 1. Além desses aspectos, 3% dos alunos relacionaram a doença a perdas musculares e a episódios de desequilíbrio, ligados ao aspecto físico e 1% considerou as perdas iniciais causadas pela doença, apenas quanto às perdas motoras. Esse resultado é satisfatório, visto que 99% dos alunos relacionaram perdas em al-

gum aspecto cognitivo, o que corrobora os dados de Santos (2011) que relata a ocorrência da perda de memória acompanhada de sintomas, como ansiedade e depressão, no início da doença. Além de comprometer a memória, a doença de Alzheimer afeta a orientação, a atenção, a linguagem, a capacidade para resolver problemas e as habilidades para desempenhar as atividades da vida diária (TAVARES; CARVALHO, 2012).

Embora a Doença de Alzheimer seja uma doença progressiva e incurá-

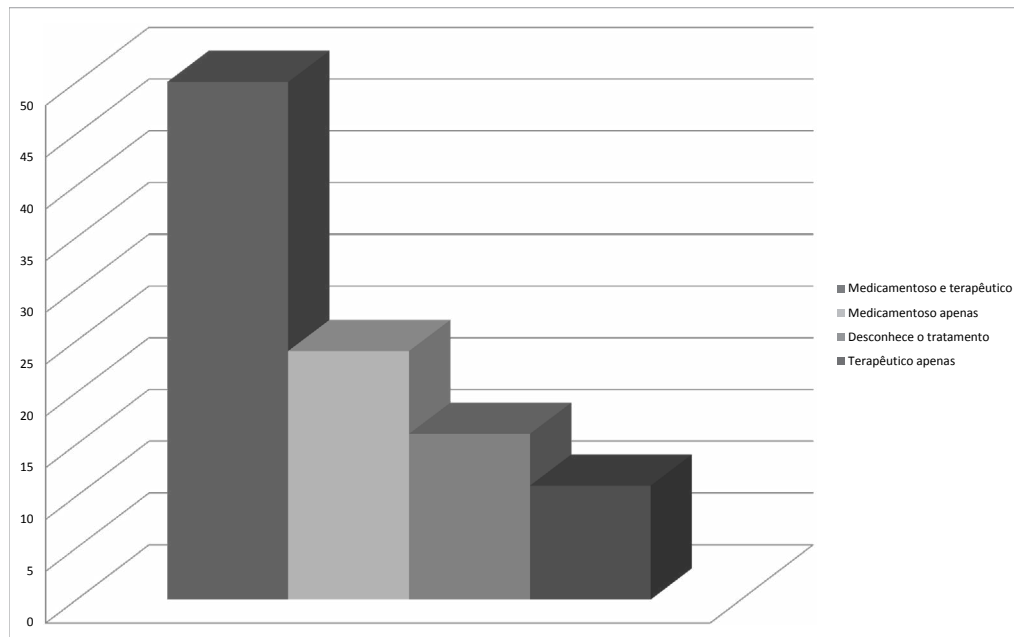
vel, muito já se avançou em benefício da qualidade de vida dos portadores e cuidadores, com o uso de medicações que melhoram a cognição e diminuem as alterações comportamentais. Além disso, para essa situação, contribuem a criação de bons instrumentos de avaliação e de critérios diagnósticos mais claros (POLTRONIERE; CECCHETTO; SOUZA, 2011). Conforme Santos (2011), diagnosticar a doença com o auxílio de avaliação cognitiva e comportamental, por meio de testes neuropsicológicos facilita o trabalho do profissional.

Quando questionados a respeito da cura, foi unânime a resposta “não existe cura”. Sabe-se que a doença de Alzheimer é neurodegenerativa, progressiva e irreversível com causa desconhecida

e tratamento ainda não definido totalmente (SANTOS, 2011).

Analisando o Gráfico 2, é possível perceber que 23,8% dos alunos identificam o tratamento medicamentoso como a única forma de tratamento para a doença, enquanto 10,9% indicam os tratamentos terapêuticos como exercícios de lógica, jogos e atividades para a memória, aliados a exercícios físicos. A relação do tratamento medicamentoso com o tratamento terapêutico foi feita por 49,5% dos estudantes, mencionando atividades de vida diária trabalhadas durante sessões de terapia ocupacional, ganho de força e amplitude de movimento em atendimentos de fisioterapia, e também o apoio durante os atendimentos à família do paciente.

Gráfico 2 – Tipos de tratamentos para a doença de Alzheimer reconhecidos pelos alunos de uma universidade em Marília, São Paulo, 2011



Fonte: elaborado pelas autoras.



De acordo com dados estudados por Santos (2011), não existe nenhum tratamento definitivo para a DA. Contudo, a correlação linear entre os vários estágios da doença e o volume da estrutura cerebral sugerem que com intervenção terapêutica, é possível reduzir o progresso da patologia.

Quanto ao tratamento não farmacológico, Engelhardt et al. (2005) apontam que a reabilitação cognitiva pode estabilizar o quadro quando a doença encontra-se no estágio de gravidade leve ou moderado. Segundo esse estudo, sua associação à medicação visa a melhorar a cognição, os inibidores das colinesterases (IChEs), podendo levar a melhores resultados.

## Conclusão

A investigação do presente trabalho teve por objetivo descrever a percepção da doença de Alzheimer pelos alunos dos cursos de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional de uma universidade na cidade de Marília, abordando seus sintomas, diagnóstico e tratamento.

De acordo com o resultado da pesquisa, comparado aos dados encontrados na literatura, é possível afirmar que os alunos, durante os anos de graduação, têm ampliado seus conhecimentos a respeito da doença de Alzheimer, possibilitando uma atuação com melhor qualidade. Os alunos apropriaram-se de conhecimentos acerca das principais áreas acometidas pela doença, fornecendo/oferecendo condições para que seja elaborado um plano de tratamento adequado às principais necessidades dessa população, ou encaminhando-a para o profissional que melhor atender à demanda particular de cada paciente.

Mesmo observando o maior conhecimento referente aos sinais da doença, os que estão no último ano da graduação (e em breve tornar-se-ão profissionais) ainda apresentam dificuldade em relacionar a doença com o ônus do cuidador e da família: a dependência do paciente e a necessidade de suporte social e psicológico para quem se encarrega da atenção e dos cuidados.

Quanto ao tratamento da doença de Alzheimer, a maioria demonstrou saber que deve ser medicamentoso e terapêutico.

Este estudo aqui proposto, pode contribuir para que se faça uma reflexão a respeito sobre dos cursos da área da saúde e a importância de, em sua formação, os acadêmicos receberem conhecimentos não somente relacionados a doença de Alzheimer, mas também de outras demências, visto o envelhecimento populacional no Brasil e no mundo ser uma realidade sem retrocessos e também pelo fato de tais patologias acometerem muitos idosos. Diante disso, destaca-se ainda a importância dos estágios, como demonstrado na pesquisa, pois fica evidente que os acadêmicos que já haviam realizado estágios tinham melhor conhecimento prático no que se refere a idosos com a doença de Alzheimer, bem como das ações terapêuticas adotadas.

Nesse sentido, sugerimos outros estudos relacionados às concepções de estudantes da área da saúde a respeito da doença de Alzheimer para que possam contribuir também na/para a implementação necessária de políticas públicas, principalmente no que concerne à formação e à capacitação profissional desses agentes.

## The perception of Alzheimer's disease by the students of F.F.C. "Júlio de Mesquita Filho" UNESP – Marília

### Abstract

Alzheimer's disease (AD) accounts for approximately 56% of all cases of dementia. The present study aimed to report the perception of AD by students of Physiotherapy, Speech Therapy and Occupational Therapy from Faculty of Philosophy and Science "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP – Marília, with regard to the symptoms, diagnosis and treatment, between 2011 and 2012. The questionnaire with open and closed questions was administered to 101 students, using as a criterion for exclusion those who refused to answer the survey and / or not signed the informed consent form. After the questionnaire application, the answers have undergone quantitative analysis, checking which information and concepts about Alzheimer's disease these students acquired during the undergraduate years. The data shows that although students have knowledge about the signs and symptoms of the disease, few mention the importance of family, the caregiver and the relationship of the disease with dependence that commonly reaches this population.

**Keywords:** Alzheimer disease. Aged. Aging. Students health occupations.

### Referências

ARAÚJO, M. A. S.; BARBOSA, M. A. Relação entre o profissional de saúde da família e o idoso. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 819-824, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n4/v14n4a23.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

ARCOVERDE, C. et al. Role of physical activity on the maintenance of cognition

and activities of daily living in elderly with Alzheimer's disease. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v. 66, n. 2b, p. 323-327, jun. 2008.

DIAS, T. M.; MORATO, E. M. Categorização social e concepção de doença de Alzheimer: implicações e perspectivas dos modelos biomédico e social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, 19, 2011, Campinas. *Anais eletrônicos...* Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2011. Disponível em: <<http://www.prp.rei.unicamp.br/pibic/congressos/xixcongresso/resumos/074385.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2013.

ENGELHARDT, E. et al. Tratamento da Doença de Alzheimer: recomendações e sugestões do Departamento Científico de Neurologia Cognitiva e do Envelhecimento da Academia Brasileira de Neurologia. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, v. 63, n. 4, p. 1104-1112, dez. 2005.

FALCÃO, D. V. S.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Cuidar de familiares idosos com a doença de Alzheimer: uma reflexão sobre aspectos psicossociais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 4, p. 777-786, dez. 2009.

FONSECA, R. P. et al. Representações do envelhecimento em agentes comunitários da saúde e profissionais da enfermagem comunitária: aspectos psicológicos do processo saúde-doença. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1275-1284, ago. 2008.

GARCES, S. B. B. et al. Avaliação da resiliência do cuidador de idosos com Alzheimer. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 335-352. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v15n2/16.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

GUERRA, A. C. L. C.; CALDAS, C. P. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, p. 2931-2940, set. 2010.

INOUYE, K. et al. Percepções de suporte familiar e qualidade de vida entre idosos segundo a vulnerabilidade social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 582-592, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v23n3/19.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

INOUYE, K.; PEDRAZZANI, E. S.; PAVARINI, S. C. I. Influência da doença de Alzheimer na percepção de qualidade de vida do idoso. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 1093-1099, dez. 2010.

LARRAMENDI, N. E.; CANGA-ARMAYOR, A. Familia cuidadora y enfermedad de Alzheimer: una revisión bibliográfica. *Gerokomos*, Madrid, v. 22, n. 2, p. 56-61, jun. 2011.

LENARDT, M. H. et al. O idoso portador da doença de Alzheimer: o cuidado e o conhecimento do cuidador familiar. *REME: Revista Mineira de Enfermagem*, Montes Claros, v. 4, n. 3, p. 301-307, jul./set. 2010. Disponível em: <[http://www.enf.ufmg.br/site\\_novo/modules/mastop\\_publish/files/files\\_4d3079563e899.pdf](http://www.enf.ufmg.br/site_novo/modules/mastop_publish/files/files_4d3079563e899.pdf)>. Acesso em: 3 mar. 2014.

OLIVEIRA, P. P.; AMARAL, J. G.; BARBOZA, T. A. V. et al. Conhecimento de estudantes de enfermagem com formação técnico-profissionalizante sobre a doença de Alzheimer. *Revista Enfermagem UFPE on line*, Recife, v. 7, n. 2, p. 527-53, fev. 2013. Disponível em: <[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30731322/pdf\\_2057.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1393860109&Signature=qd4BnRTs8V2Pw%2FObn0TvKUKHbSQ%3D&response-content-disposition=inline](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30731322/pdf_2057.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1393860109&Signature=qd4BnRTs8V2Pw%2FObn0TvKUKHbSQ%3D&response-content-disposition=inline)>. Acesso em: 3 mar. 2013.

POLTRONIERE, S.; CECCHETTO, F. H.; SOUZA, E. N. Doença de Alzheimer e demandas de cuidados: o que os enfermeiros sabem? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 270-278, jun. 2011.

ROMAGNOLI GIL, M. D. S. *Arteterapia, identidad y expresión en personas con enfermedad de Alzheimer*. 2013. Dissertation (Máster en Arteterapia y Educación Artís-

tica para la Inclusión Social) – Facultad de Educación y Trabajo Social, Universidad de Valladolid, Madrid, 2013. Disponível em: <<http://uvadoc.uva.es/handle/10324/3890>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

SACHS, M. F. A. et al. Arteterapia e trabalho corporal no cuidado com cuidadores: relato de experiência. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE PSICOGERONTOLOGIA, 3, 2009, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: PUC-SP, 2009. Disponível em: <[http://geracoes.org.br/arquivos\\_dados/foto\\_alta/arquivo\\_1\\_id-108.pdf](http://geracoes.org.br/arquivos_dados/foto_alta/arquivo_1_id-108.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2012.

SANTOS, F. M. C. S. *A doença de Alzheimer: importância dos metais na neuropatologia da doença*. 2011. Tese (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10284/2271>>. Acesso em: 19 fev. 2014

TAVARES, T. E.; CARVALHO, C. M. R. G. Características de mastigação e deglutição na doença de Alzheimer. *Revista CEFAC*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 122-137, jan./fev. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v14n1/110-10.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2014.

VALIM, M. D. et al. A doença de Alzheimer na visão do cuidador: um estudo de caso. *Revista Eletrônica Enfermagem*, Goiânia, v. 12, n. 3, p. 528-34, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i3.6410>>. Acesso em: 3 mar. 2014.